

Apresentação das Memórias do Prof. F. R. Dias Agudo

(Academia das Ciências de Lisboa, 22 de Junho de 2017)

João Filipe Queiró
Departamento de Matemática - Universidade de Coimbra

Senhor Presidente da Academia das Ciências,
Senhor Vice-Presidente,
Senhor Professor Dias Agudo,
Caros colegas membros da Academia,
Minhas Senhoras e meus Senhores,

Agradeço ao Prof. Dias Agudo o convite que me fez, há umas semanas, para apresentar o seu livro “As Minhas Memórias - Uma Vida Dedicada à Ciência”. É uma honra para mim dizer algumas breves palavras sobre estas “Memórias”.

O Autor já explicou as razões do convite. Confesso que é verdade que tive algum papel na sugestão que alguns colegas lhe fizeram de que escrevesse as suas recordações, embora tenha sido uma surpresa saber, há pouco tempo, que o Prof. Dias Agudo tinha aceiteado a ideia.

*

Infelizmente, os livros de memórias são raros em Portugal. Muitas personalidades que tiveram grande protagonismo na vida portuguesa – nomeadamente políticos – não deixam qualquer registo da sua acção, o que é pena. Isto contrasta com outros países, em especial anglo-saxónicos, em que os livros de memórias são frequentes e, no caso dos políticos de grande projecção, quase obrigatórios.

É difícil perceber porquê. Afinal, os próprios poderiam ter interesse em deixar o seu testemunho ou, numa visão mais utilitária, a sua versão dos acontecimentos. Como diz uma frase célebre, atribuída a Churchill, “A História será generosa comigo... porque tenciono ser eu a escrevê-la.”

Em Portugal há vários casos mas não são muitos. E a própria forma como são recebidos diz alguma coisa sobre as possíveis razões por que, precisamente, são tão raros. Acontece os livros de memórias de políticos serem mal acolhidos, porque são vistos como colecções de inconfidências, que atentam contra o dever de reserva da privacidade dos outros.

Não sei se é isto que explica a resistência a escrever livros de memórias por parte de pessoas que teriam coisas muito interessantes a contar sobre episódios centrais da história de Portugal. É uma resistência de princípio, de quem considera que não deve deixar tal registo.

Sobre o assunto direi que me parece que as regras nisto são as mesmas que nas relações pessoais: não se contam conversas privadas – ou a parte dos outros nessas conversas – mas conversas privadas não são o mesmo que conversas em privado. A estas últimas, quando versem sobre assuntos de interesse público, aplica-se o dever normal de reserva, formal ou informal, adequado a cada caso. Este deve acautelar o respeito pela imagem dos outros e por eventuais situações de confidencialidade, procurando evitar factos privados que possam ser negativos ou desagradáveis para os interlocutores no plano estritamente pessoal.

*

As memórias do Prof. Dias Agudo não são as de um político: são um testemunho valioso e interessante de uma época, de um sector importante da vida portuguesa – o mundo universitário, científico e académico – e da actividade, discreta por temperamento pessoal mas de grande relevância, que o Autor teve nesse sector ao longo de décadas. Constituem, além disso, um bom retrato do meio matemático português, na segunda metade do século XX, em bom rigor desde meados dos anos 40.

É interessante tanto o relato da vida pessoal como o da vida pública. Isto porque, na verdade, nada permite reconstituir tão bem o ambiente de uma época, as circunstâncias, preocupações e condicionantes da vida como um testemunho pessoal. Nenhum outro tipo de registo ou documento o faz tão completamente.

*

O Prof. Dias Agudo começou por ser para mim, como para gerações de estudantes universitários de língua portuguesa, um livro. Era o célebre “Introdução à Álgebra Linear e Geometria Analítica”, de 1960 e depois sucessivamente reimpresso. Livro moderno, claro, muito completo, desde as questões fundamentais às aplicações, teve grande sucesso e tornou-se um modelo de exposição seguido em todo o país. Li e estudei esse livro da primeira à última página enquanto estudante e tenho para com o seu Autor a correspondente dívida de gratidão.

Conheci o Prof. Dias Agudo pessoalmente mais tarde, e acompanhei-o em algumas iniciativas, mas não tinha, até à leitura destas memórias, conhecimento da sua biografia e da sua carreira matemática e académica, desde os tempos de assistente em várias instituições até ao doutoramento em 1955 e à construção de uma obra científica e pedagógica. Ao doutoramento seguiu-se, em 1957-58, uma prolongada estadia na Califórnia (com uma bolsa da então recém-nascida Fundação Gulbenkian), onde contactou com matemáticos como Leon Henkin, John Kelley, Derrick Lehmer, Frantisek Wolf, James Eells, Alfred Tarsky, Van der Warden e Hans Lewy.

Não tinha também plena consciência da sua acção decisiva, em matéria de política universitária e científica, em vários momentos da nossa história das últimas décadas.

Os principais momentos dessa acção são dois. A partir de 1965 e durante alguns anos, o Prof. Dias Agudo presidiu à equipa-piloto da OCDE para o estudo das necessidades de Portugal em investigação científica e técnica em relação com o desenvolvimento económico. O relatório desse trabalho, em seis volumes e mais de mil páginas, continha conclusões e recomendações sobre o ensino superior e a investigação científica que vieram a ter influência na “reforma Veiga Simão” de 1973 e noutros desenvolvimentos posteriores. Foi um documento de prospectiva e de proposta com enorme importância para Portugal.

Entre 1980 e 1983 o Prof. Dias Agudo foi Presidente do Instituto Nacional de Investigação Científica, e de novo teve importante papel, com iniciativas de impacto na organização da investigação científica nas universidades.

Em Outubro de 1973 o Prof. Dias Agudo foi nomeado Director da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa pelo Ministro da Educação Veiga Simão, após declaração de apoio dos professores da Faculdade. Sofreu por isso dissabores após 25 de Abril de 1974, e nos trechos das memórias que se referem a esse período transparece alguma emoção do Autor.

Curiosamente, em Outubro de 1974, apenas um ano depois da nomeação como Director da Faculdade de Ciências por Veiga Simão, o Prof. Dias Agudo foi empossado como Presidente da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica pelo então Primeiro-Ministro Vasco Gonçalves, após convite do Ministro Vítor Alves. O Autor não faz grandes considerações acerca deste episódio mas é impossível não nos lembrarmos de um tema que, de vez em quando, é referido pelo actual Presidente da República: está bem compreendida a descontinuidade introduzida em Portugal na data de 25 de Abril de 1974 mas estão por estudar as múltiplas continuidades que houve de um regime para o outro. Estas duas nomeações no espaço de um ano merecem sem dúvida pertencer à lista delas e demonstram o respeito e a consideração de que gozava, pela sua competência e integridade, o Prof. Dias Agudo.

*

Referi há pouco que o livro contém o relato da vida pessoal e o da vida profissional e pública. É uma opção interessante de escrita não separar os dois planos. Primeiro estranhámos um pouco, depois entendemos (o Autor recorre frequentemente a um diário) e finalmente tomamos consciência de que se fica assim com um retrato inteiro: de facto, ninguém vive com a vida arrumada por sectores, mas sim com todas as dimensões de cada momento em simultâneo.

No plano pessoal, ressalta a característica do Prof. Dias Agudo como grande viajante, e também a profunda ligação à terra natal de Mouriscas.

O tom do texto é sempre sereno, como é ainda hoje o do Autor. Bem o sabem todos os que o conhecem. O perfil que emerge da leitura é o de um grande servidor de instituições – a Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, a JNICT, o INIC, a

Academia das Ciências –, serviço marcado pela competência e dedicação, pela discrição, sempre sem alardes, frequentemente com sacrifício pessoal.

Nesta Academia foi sócio correspondente em 1973 e efectivo desde 1979. Foi Tesoureiro de 1979 a 2003, para além de outras relevantes funções

É o académico responsável da Comissão Editorial das "Obras" de Pedro Nunes, tendo presidido a mais de cem reuniões da respectiva Comissão Científica. É o principal depositário da história da edição e teve um papel crucial e imprescindível na sua dinamização e no sucesso que ela teve até agora.

Há apenas três meses, foi eleito sócio honorário da Academia das Ciências por unanimidade. Pelos grandes serviços que prestou à Academia, parece-me muito apropriado que o presente lançamento, e a homenagem que ele tem implícita, seja nesta casa para a qual tanto trabalhou e à qual tanto se dedicou.